



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROLICENCIATURA / ARTES VISUAIS

LUCILENE SILVA ALMEIDA PEREIRA

A IMAGEM COMO LINGUAGEM

BRASÍLIA

2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROLICENCIATURA / ARTES VISUAIS

LUCILENE SILVA ALMEIDA PEREIRA

**A IMAGEM COMO LINGUAGEM:
LINGUAGEM VISUAL E SEUS ELEMENTOS BÁSICOS**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Moisés Alves

BRASÍLIA

2013

LUCILENE SILVA ALMEIDA PEREIRA

**A IMAGEM COMO LINGUAGEM:
LINGUAGEM VISUAL E SEUS ELEMENTOS BÁSICOS**

DEFESA PÚBLICA em:

Brasília, 12 julho 2013

BANCA EXAMINADORA:

Átila

Carla

BRASÍLIA

2013

LUCILENE SILVA ALMEIDA PEREIRA

**A IMAGEM COMO LINGUAGEM:
LINGUAGEM VISUAL E SEUS ELEMENTOS BÁSICOS**

Esta monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Orientador (a)

BRASÍLIA

2013

DEDICATÓRIA

*As minhas filhas Alice e Amanda
a quem amo muito, a todos os
familiares e amigos que sempre
me incentivaram e apoiaram
durante esta caminhada.*

AGRADECIMENTOS

A Deus supremo criador, fonte de vida e sabedoria, a todos professores, coordenadores e colegas que colaboraram com a aquisição de de novos conhecimentos.

DESENHO

*Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa.
Tudo é preciso.
De tudo viverás.
Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de
prumo,
traças perspectivas, projetaras
estruturas.
Numero, ritmo, distancia, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua
memória.
Construirás os labirintos
impermanentes
que sucessivamente habitaras.
Todos os dias estarás refazendo o teu
desenho.
Não te fatigues logo. Tens trabalho
para toda a vida.
E nem para o teu sepulcro terás a
medida certa.
Somos sempre um pouco menos do
que pensávamos.
Raramente, um pouco mais.*

Cecília Meireles

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Capítulo 1

1 A IMAGEM COMO LINGUAGEM ----- 12

1.1 Comunicação visual ----- 12

1.2 Mensagem visual: Representacional, abstrata e simbólica ----- 15

Capítulo 2

2 LINGUAGEM VISUAL ----- 21

2.1 Alfabetismo visual por quê ----- 21

2.2 Fundamentos: Elementos gráficos que constituem uma imagem ---- 23

2.3 Ponto, linhas e forma visão poética e técnica: a essência da imagem visual ----- 25

Capítulo 3

3 COMPOSIÇÃO ----- 34

3.1 Meios visuais ----- 34

3.2 Pintura ----- 36

CONSIDERAÇÕES FINAIS ----- 43

REFERÊNCIAS ----- 45

LISTA DE FIGURAS

IMAGEM 1 – Placa de avisos-----	13
IMAGEM 2 – Gravura – pássaro -----	18
IMAGEM 3 – Pintura – Sol pássaro acrílio-----	18
IMAGEM 4 – Ponto – Composição abstração, Kandinsky -----	26
IMAGEM 5 – Linha – Esquema da obra Movimentos Íntimos -----	28
IMAGEM 6 – Linhas/ Formas–Combinação de linhas e curva de Triângulo preto-----	28
IMAGEM 7 – Pontos produzidos no computador -----	29
IMAGEM 8 – Linhas – Exemplos de linhas-----	30
IMAGEM 9 – Forma – O jardim, de Joan Miró -----	32
IMAGEM 10 – Organização linear, Kandinsky -----	39
IMAGEM 11 – Pequeno sonho em vermelho, Kandinsky -----	39

INTRODUÇÃO

O ser humano construiu diversos sistemas para se comunicar, utilizamos a sensibilidade dos sentidos e os transformamos em linguagens. Dentre as linguagens o trabalho abordará a linguagem visual explorando-a como comunicação, apresentando seus elementos básicos isolados e aplicados em uma composição. Explorar os elementos básicos da linguagem visual, em sua forma mais simples, faz-se necessário por ser a base para o desenvolvimento de uma produção visual. Existem vários meios visuais que podemos utilizar para transmitir uma mensagem discutiremos sobre a pintura por ser uma das maneiras de registro presente no desenvolvimento das civilizações

Estamos cercados de imagens, como ilustração, registro, criação, recriação, invenção da realidade ou do sonho, elas sempre estiveram entre nós. Apreendemos a informação visual de muitas maneiras, o modo como vivemos, onde vivemos e como vemos o mundo, afeta o que vemos. Uma imagem da década de 70, por exemplo, hoje é vista de modo diferente da época que foi criada.

O primeiro capítulo aborda a temática da imagem como mensagem apresentado sua importância e contribuição, ocupando um lugar não menos importante que a linguagem verbal. Essa mensagem visual pode apresentar níveis diferentes representacional, simbólico ou abstrato dependendo da intenção do criador ou do olhar do observador.

No segundo capítulo a proposta apresenta a linguagem visual e seus elementos básicos, os elementos são a matéria prima de toda a informação visual em termos de opções e combinações seletivas, eles constituem a estrutura básica daquilo que vemos. É importante saber de onde surgem as imagens, quais são e como podem ser aplicados os elementos que formam uma imagem, a partir de elementos simples pode-se formar uma imagem complexas. Este capítulo apresenta uma das possibilidades de alfabetismo visual que é conhecer os elementos básicos ponto, linha, forma, direção, tom, cor, textura, dimensão, escala e o movimento, possibilitando um primeiro contato com o básico para uma produção artística, dando ênfase ao por que desse alfabetismo. Apresentaremos os primeiros elementos

ponto, linha e forma como a essência de uma imagem com uma visão poética do artista Kandinsky e a uma visão técnica da pesquisadora Dondis.

O terceiro capítulo discute a composição, apresenta a aplicação dos elementos básicos da linguagem visual, são varias as possibilidades visuais a partir da combinação dos fundamentos, podemos conseguir muitos efeitos utilizando o mesmo elemento para transmissão de uma mensagem. Para se comunicar visualmente o ser humano utilizar alguns meios que apresentam metodologias específicas em suas composições, a proposta expõe a pintura na busca de aproximar e ampliar a experimentação e interpretação do observador em sua avaliação visual.

1– A IMAGEM COMO LINGUAGEM

1.1– COMUNICAÇÃO VISUAL

Temos necessidade de partilharmos diferentes conhecimentos entre nós, fazemos esta tarefa através da comunicação que desde o primórdio dos tempos foi essencial para sobrevivência como ferramenta de integração, informação e desenvolvimento. Utilizamos sistemas simbólicos, como suporte para a troca de experiências, o principal suporte de comunicação do ser humano é a linguagem, através dela transmitimos ideias e sentimentos.

Para o mestre em educação Ronan Cardozo Couto (2000), as linguagens ocupam uma posição importante no aprendizado humano, pois funcionam como meio na elaboração e construção do pensamento, na representação e criação de signos e sistemas simbólicos, por ser um recurso da comunicação que armazena e transmite informações.

As linguagens são recursos expressivos de representação da realidade e de comunicação. Elas funcionam como veículo para o intercâmbio de ideias e forma de interlocução. Portanto, é ilusória a exclusividade da linguagem verbal como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiados. Essa ilusória exclusividade se deve muito intensamente a um condicionamento histórico que nos faz crer que as únicas formas válidas de conhecimento e interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal, oral e escrita, e que essa linguagem é o meio mais apropriado para se chegar a uma forma de pensamento superior. O saber analítico que a linguagem verbal permite conduziu à legitimação consensual e institucional de que essa é a linguagem de primeira ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todas as outras linguagens, as linguagens não verbais (COUTO, 2000, p.11-12).

Por necessidade o ser humano organiza sinais, formas, luzes, cores, gestos, objetos, sons, cheiros, olhares, expressões para repassar uma mensagem. Essa ordenação acontece através dos vários sistemas de linguagem que utilizamos para codificar, armazenar e decodificar informações. Existe uma variedade de sinais que

articulam conceitos e se constituem em sistemas sociais e históricos de representação de mundo e de comunicação social.

É comum apresentarmos a linguagem verbal como a principal fonte de informação, talvez por ser uma maneira convencional, formal de troca de conhecimento. Porém somos capazes de produzir e atuar de diferentes maneiras para interagirmos uns com os outros, assim as linguagens não verbais de representação de mundo também ocupam um espaço em nosso cotidiano e não podem ser apontadas como secundárias, merecem ser conhecidas, discutidas e estudadas. Cada uma nos transmite sua mensagem utilizando seus recursos particulares, as múltiplas linguagens estão à disposição da comunicação como podemos observar na imagem a seguir.



Imagem 1 – Placas de avisos

<http://www.zun.com.br/linguagem-verbal-e-nao-verbal/>

Podemos observar que as imagens estão cada vez mais presentes, linguagem verbal e não verbal interagem para alcançar o espectador, o visual atingem um grande número de pessoas e vai além das palavras. Em casa a maioria das pessoas tem televisão, computador, utilizam quadros e fotografias para decorar o ambiente. No mundo consumista em que vivemos as propagandas investem cada

vez mais nas imagens para atingir o consumidor, seja em casa ou nas ruas podemos presenciar a forte influência das imagens.

Durante o século XX, assistimos a uma transformação significativa nos meios de comunicação modernos: a mensagem visual tem predominado sobre a mensagem verbal, e a maior parte das coisas que sabemos, aprendemos, acreditamos, reconhecemos e desejamos quase sempre é determinada pelo domínio que a imagem exerce sobre nós (COUTO, 2000, p.32).

O sentido da visão tem muito trabalho a realizar, todos os dias ele é alvo de uma variedade de imagens com inúmeros fins, as informações visuais muitas vezes chegam a produzir poluição. A televisão e o computador são grandes difusores de imagens, além das inúmeras cenas que podemos observar nas ruas em placas, propagandas e anúncios. Esses meios de comunicação coloca o observador em contato com uma variedade de figuras, o que não acontecia há algumas década atrás. Hoje imagens reais, virtuais e artísticas fazem parte do cotidiano, sendo as artísticas diferentes das demais por ser uma representação visual que utiliza uma técnica específica, em sua produção.

Considerando a importância que as imagens exercem sobre nós e sua difusão na atualidade, é preciso procurar entender como e através de que regras ou conceitos elas são constituídas. O alfabetismo visual possibilita o estudo da linguagem visual, permitindo um contato com o básico utilizado na elaboração de uma imagem, proporcionando uma maior compreensão do que é apresentado a nossa visão.

O estudo da linguagem visual na educação escolar deveria precisamente ajudar-nos a escapar da impressão de passividade e permitir, ao contrário, tornar aparentes as convenções, a história e a cultura mais ou menos interiorizadas que estão em jogo em cada imagem visual. Conhecendo a linguagem visual, estaremos em melhores condições para analisar e compreender, em maior profundidade, uma das ferramentas efetivamente predominantes na comunicação contemporânea: a imagem visual (COUTO, 2000, p.35).

A mensagem visual pode ser específica, presente em nossas necessidades básicas de registrar, preservar, reproduzir e identificar pessoas, lugares e objetos ou propagar sentimentos expressivos, no caso das artes. Seja em ações do cotidiano ou em criações elaboradas, o formato visual pretende informar o observador, portanto ela precisa ser conhecida e explorada. Donis A. Dondis (1997) propõe a socialização da linguagem visual para além dos especialistas através da ideia de alfabetismo visual, nesta proposta a expansão da capacidade visual amplia as possibilidades de entender e de produzir uma mensagem visual, podemos expressar e receber os dados visuais em três níveis:

Expressamos e recebemos imagens visuais em três níveis: o *representacional* – aquilo que vemos e identificamos com base no meio ambiente e na experiência; o *abstrato* – a qualidade sinestésica de um fato visual reduzido a seus componentes visuais básicos e elementares, enfatizando os meios mais diretos, emocionais e mais primitivos da criação de mensagem, e o *simbólico* – o vasto universo de sistemas de símbolos codificados que o homem criou arbitrariamente e ao qual atribuiu significados (DONDIS, 1997, p.85).

Os três níveis de recepção e expressão de imagens servem como resgate de informações, embora estejam interligados e se sobreponham, é possível estabelecer distinção entre eles possibilitando a análise do seu potencial para a criação de mensagens, quanto sua qualidade no processo da visão. É o que apresentaremos no tópico a seguir.

1.2– MENSAGEM VISUAL

O sentido da visão nos auxilia a compreender o mundo, é através dele que aprendemos e identificamos o material visual que nos é apresentado, ele pode proporcionar mais uma experiência de relação do ser humano com o que esta a sua volta, grande parte do nosso processo de aprendizagem ocorre através do visual¹.

¹ DONDIS (1997: 85,86), a cerca da visão diz: “A visão é o único elemento necessário à compreensão da visual. Para falar ou entender uma língua, não precisamos ser visualmente

Para Dondis (1997) a reprodução da informação visual natural deve ser acessível a todos, ela deve ser ensinada e pode ser aprendida, porém deve-se observar que não há um sistema estrutural semelhante ao da linguagem verbal, vemos e compreendemos aquilo que enxergamos.

Podemos reproduzir as imagens que nos cerca, o difícil é como fazê-lo, de que modo a comunicação visual pode ser entendida, aprendida e expressada. Somos capazes reconhecer uma imagem, porém a maneira que ela é compreendida pode ser diversificada. Alguns observadores ficam no nível primário outros não se contentam com o óbvio vê além dos fatos apresentados, buscam um significado mais amplo para a que esta sendo apresentado.

Podemos notar que expressamos e recebemos informações visuais em diferentes níveis dependendo do criador e observador, a comunicação através da imagem passa pela representação, simbolismo e abstração. No nível de representação, a realidade aparece como experiências visuais básicas e predominantes. Observem um exemplo que utiliza o símbolo pássaro comparado nosso registro visual a uma câmera.

Um pássaro pode ser identificado através de uma forma geral, e de características lineares e detalhadas. [...] A ideia geral de um pássaro com características comuns avança até o pássaro específico através de fatores de identificação cada vez mais detalhados. Toda essa informação visual é facilmente obtida através dos diversos níveis da expressão direta do ato de ver. Todos nós somos a câmera original: todos podemos armazenar e recordar, para nossa utilização e com grande eficiência visual, toda essa gama de informações visuais. As diferenças entre a câmera e o cérebro humano remetem a finalidade da observação e a capacidade de reproduzir a informação visual. (DONDIS, 1997, p.87).

Para a autora a fotografia seria a representação mais próxima da visão, não esquecendo que a experiência direta com a expressão visual esta sujeita à interpretação individual, são vários os graus de significados e intenção que a

alfabetizados para fazer ou compreender a mensagem. Essas faculdades são intrínsecas ao homem, e, até certo ponto, acabam por manifestar com ou sem auxílio de aprendizagem e de modelo”.

mensagem sofre até chegar ao observador. A televisão e o cinema também reproduzem a realidade, assim como pinturas e desenhos. As pinturas podem refletir a realidade, além de criar uma imagem elas registram e oferecem dados que são identificados, artistas colocam no papel dados que apresentam valor de referências.

Todos esses meios visuais conseguem repassar a ideia de pássaro e de sua maneira atingir o observador, sem dúvida a fotografia aproxima-se mais da realidade. Porém segundo Dondis (1997) argumenta-se que as imagens produzidas por artistas são mais limpas e claras, já que eles podem manipular e controlar suas produções. Seria o começo de um processo de abstração deixando de lado os traços irrelevantes dando ênfase aos traços distintos.

De acordo com Abbagnano (1982), o termo *abstração* tem origem etimológica na palavra latina *abstractio*, que significa a operação de escolher um objeto de percepção, com um determinado fim, seja para a pesquisa, ou para estudo; isolar esse objeto e abstrair-lo do seu contexto de origem e relações. Neste sentido, a abstração apresenta dois aspectos, a saber: separar de, ou abstrair de e assumir como objeto de estudo o que foi isolado.

No processo de abstração temos a redução dos fatos visuais múltiplos a seus traços simplificados, traços essenciais daquilo que está sendo representado, ignorando os detalhes estáticos e acabamento rigoroso. A eliminação dos detalhes até se chegar a abstração total pode seguir dois caminhos:

A abstração voltada para o simbolismo, às vezes com um significado identificável, outras vezes com um significado arbitrariamente atribuído, e a abstração pura, ou redução da manifestação visual aos elementos básicos, que não conservam relação alguma com qualquer representação representacional extraída da experiência do meio ambiente (DONDIS, 1997, p.91).

Na visão da autora a abstração simbólica requer simplificação, atenuação do detalhe visual a seu mínimo, o símbolo para ser eficaz além de ser percebido e reconhecido, necessita de ser lembrado e reproduzido, podendo conservar algumas qualidades reais. Voltando ao exemplo do pássaro, podemos representá-lo com

traços simples sem o detalhe de uma fotografia e ele continuara sendo um pássaro. Para transmissão de informações os símbolos podem ser simples ou complexos como os códigos, a escolha depende de sua finalidade, do grupo que se pretende atingir.



Imagem 2 – Gravura, A pomba, Picasso
acrílico http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/artes/0015_08.html



Imagem 3 – Pintura sol pássaro
<http://paticoarte.fotosblogue.com/32017/PATICO-paisagem-acrilico-e-colagem-sobre-tela/>

Picasso em sua composição utiliza traços simples, algumas linhas curvas e pontos para indicar os olhos que em conjunto sugere a forma de um pássaro. Essa obra faz parte de uma série de gravuras² dedicada aos pássaros, ela foi utilizada em um cartaz do Congresso pela paz em Paris, e a partir dessa exposição tornou-se um símbolo universal. A imagem abstrata, retirada de uma galeria virtual, apresenta um pássaro que faz parte de uma paisagem de mar e sol, a descrição na página traz as seguintes palavras: “O sol beija suas águas e o pássaro voa em sua direção”. Como

² Segundo Clímaco (1990), “a gravura se diferencia dos demais processos artísticos pelo aparato que envolve a composição de um ateliê, a particularidade de seus métodos e pelas características próprias do resultado final do trabalho”. Define gravura como “um processo artístico que consiste em gravar uma imagem sobre uma matriz (que pode ser de madeira, pedra, metal, papelão, gesso ou outros materiais) que será entintada e impressa sobre o papel ou outro suporte qualquer. O trabalho de gravação é feito sobre a matriz e o objeto final é a obra impressa que se chama gravura”. Também é chamada de “gravura de arte” ou “gravura original”. Pode ser colorida, ou em preto e branco, em edições limitadas e cada copia é enumerada e assinada pelo artista, de preferência a lápis, na margem inferior do papel.

se trata de uma abstração, se não tivesse a descrição acompanhada da imagem esse pássaro poderia ter outras interpretações, como um surfista, por exemplo.

As imagens não estão detalhadas, mas conseguimos identificar com clareza que ambas representam de maneira simples um pássaro, a informação foi repassada, ouve comunicação utilizando traços simples e essenciais, sem muitos detalhes que aproximasse as imagens da realidade. Na atualidade podemos observar que os símbolos são grandes difusores da comunicação, eles produzem grandes efeitos na área da publicidade. Empresas sintetizam suas identidades e objetivos através de símbolos visuais, em busca de atingir uma maior quantidade de consumidores.

Os símbolos apresentam significados que lhes são impostos, a abstração não precisa ter nenhuma relação de símbolo, a redução do que vemos aos elementos visuais básicos é o nível mais importante para entendermos a estruturação das mensagens visuais. Quanto mais representacional for os dados visuais, mais específica será sua referência, quanto mais abstrata, mais geral e abrangente ela será. Em termos visuais a abstração é uma simplificação que busca um significado mais intenso e condensado.

[...] qualquer manifestação visual abstrata é profunda, e que a representacional não passa de uma mera imitação muito superficial, em termos de profundidade de comunicação. Mas o fato é que, mesmo quando estamos diante de um relato visual extremamente representacional e detalhado do meio ambiente esse relato coexiste com outra mensagem visual que expõe as forças visuais elementares e é de natureza abstrata, mas que esta impregnada de significados e exerce uma enorme influência sobre a resposta. A subestrutura abstrata é a composição, o *design*. (DONDIS, 1997, p.101).

Nas formas visuais é a composição que atua como contraparte abstrata, com o abstrato pode ampliar a possibilidade de obtenção de uma mensagem, ele nos transmite o significado essencial ao longo de uma trajetória que vai do consciente ao inconsciente. Os três níveis de estímulos visuais contribuem para o processo de concentração, criação e refinamento de uma obra visual.

Cada nível representacional, abstrato e simbólico embora apresentem características específicas são absolutamente ostensivos. Podemos dizer que eles interagem e reforçam suas qualidades. Na comunicação forte e direta dos detalhes do meio ambiente, o representacional é o nível mais eficaz a ser aplicado. A abstração tem sido um instrumento fundamental para o desenvolvimento de um projeto visual, sendo bastante útil no processo de exploração descompromissada de um problema e no desenvolvimento de opções e soluções visíveis. Já o símbolo pode ser qualquer coisa, de uma imagem simplificada a um sistema complexo de significados atribuídos, como exemplo temos a linguagem verbal.

Todos esses níveis podem reforçar de várias maneiras a mensagem e o seu significado na comunicação visual. O processo de criação de uma imagem pode ser descrito por uma série de passos, que vão de esboços iniciais em busca de soluções, como também uma escolha e decisão definida, passando por versões cada vez mais elaboradas. “Se as intenções compositivas originais do criador da mensagem visual obtiverem sucesso o resultado será coerente e claro” (Dondis, 1997, p. 105). É preciso que haja interação entre propósito e composição, entre estrutura sintática e substância visual para que se atinjam efeitos satisfatórios em termos visuais.

O filósofo José Gil, em A “última lição”, aborda a arte como linguagem sendo uma questão pertinente, esse questionamento da formação do dialeto artístico é um problema que interessa muita gente, para ele a reflexão a cerca da expressão “linguagem artística” tem uma ideia praticamente estabelecida e aceita ela seria uma metáfora do sistema verbal. É uma expressão figurada por não haver possibilidade de construção de uma dupla articulação da linguagem.

Não há possibilidade de fazer da linguagem artística uma metalinguagem, uma linguagem que fale de si própria e que fale das outras linguagens, só há uma metalinguagem que é a linguagem verbal que fala de todas as linguagens. E isso devido a um facto simples, que impede também que se fale de outros tipos de linguagem, da linguagem corporal por exemplo. É o facto de não haver possibilidade, numa obra de arte, de isolar uma unidade discreta, uma unidade autônoma como um fonema e articular fonema com fonema, para criar outro tipo de unidade, por exemplo um morfema. É assim que se cria a linguagem verbal (GIL,2010, p.11).

Na perspectiva do autor quando se fala de linguagem corpora, musical, visual, de linguagem artística, não há possibilidade de isolar uma unidade no contínuo o som, da cor, da luz ou dos gestos, pois podem ocorrer erros de sobreposição aos recortes obtidos no isolamento dessas partes, um elemento já contém parte de outras unidades. Podemos pensar em um gesto de tchau como exemplo, o deslocamento da mão envolve uma serie de movimentos do antebraço, não havendo possibilidade de isolá-lo, percebemos que houve varias tentativas de se formalizar uma linguagem corporal, sem necessariamente isolar as unidades presentes no gesto. Mesmo que seja metaforicamente continuaremos a falar da linguagem da dança, da linguagem da pintura, das linguagens artísticas³. Como nas artes não podemos isolar seus elementos a sintaxe e um léxico de um sistema em que não há signos e formas, seria o código das sensações, nem tudo nas artes pode ser palpável, porém pode ser sentido.

As artes podem ser consideradas como linguagem, existe um sistema visual, às imagens é uma das formas que o ser humano encontrou para se comunicar aquilo que vemos e criamos compõem-se de elementos básicos, eles representam a força visual estrutural sendo à base de tudo o que vemos. A proposta apresenta a seguir a imagem como linguagem abordando uma das possibilidades de alfabetismo visual.

2- LINGUAGEM VISUAL

2.1 – ALFABETISMO VISUAL POR QUÊ?

O problema do alfabetismo visual não é muito diferente dos encontrados no verbal, quando falamos de alfabetização sabemos que infelizmente o que deveria atingir a todos é privilégio de alguns. No campo da arte visual pode-se dizer que todos os que enxergam conhecem e são capazes de identificar imagem, porém o

³ GIL (2010) exemplifica a formação da linguagem artística analisando como ela se processou no suprematismo de Malevich, por sua obra suprematista sugerir uma linguagem, sugerir unidades que se combinam e combinando-se vão formando quadros num movimento próprio. Para ele o suprematismo como “linguagem de sensações” vale para toda a linguagem artística.

alfabetismo visual vai além do simples enxergar e identificar uma criação de imagens óticas. “O alfabetismo visual implica em compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a certo nível de universalidade. A realização disso exige que se ultrapassem os poderes visuais inatos do organismo humano”. (DONDIS, 1997, p.227). Devemos ultrapassar as decisões comuns e as preferências pessoais, o alfabetismo visual nos proporciona ampliar nossas práticas inatas, podemos ir além de observar e identificar uma informação visual, ele nos oferece uma compreensão culta desses conhecimentos e experiências.

Para alcançar o alfabetismo visual inúmeros conceitos são necessários ser conhecidos e esta é uma tarefa complexa, não é suficiente decorar os fundamentos visuais para utilizá-los em uma composição ou reconhecê-los em uma imagem, como acontece na alfabetização verbal. As unidades visuais por mais simples que sejam devem ser exploradas e aprendidas, sobre todos os pontos de vista de suas qualidades, de seu caráter e potencial expressivo e essa aquisição passa por um processo demorado.

No processo de alfabetização visual faz-se necessário uma exposição e envolvimento com os elementos visuais, o alfabetizando precisa refletir o que significa os termos aprendidos. Só conhecer os fundamentos não basta, é preciso uma familiaridade que pode ser alcançada através de seu uso e da observação de possíveis técnicas a serem aplicadas. O alfabetizado precisa manipular os elementos, vivenciar sua aplicabilidade em técnicas como desenho, pintura, gravura, etc., que permita avançar nos conhecimentos preliminares dos elementos que fazem parte de uma composição.

Observando os textos de Dondis (1997) percebe-se que o modo visual pode ser acessível a todos ou visto como inteiramente fora do alcance e controle das pessoas sem talento. Esses pontos de vista são reforçados pela falta de uma metodologia que proporcione o alfabetismo visual. Uma metodologia é importante, a imersão profunda nos elementos e nas técnicas é essencial, porém nem todos estão dispostos a passar por esse processo lento e gradativo, mas necessário para aumentar a competência em termos de informação visual. A participação e superação das limitações, falsamente atribuídas à expressão visual, reforçam a necessidade da busca pelo alfabetismo visual, através dele podemos responder a

curiosidade do indivíduo, além de desenvolver critérios que ultrapassem a resposta natural e os gostos de preferências pessoais ou condicionados.

O alfabetismo visual pode ser um meio superior de participação, implicando em observadores menos passivos, capazes de compreender facilmente os significados assumidos pelas formas visuais que dominam grande parte dos objetos, figuras e imagens que examinamos e identificamos. Conhecer e entender os elementos ponto, linha, forma, textura, tom, cor, direção, dimensão, escala e movimento possibilita uma nova maneira de observar e interpretar uma produção visual.

2.2 – FUNDAMENTOS: ELEMENTOS GRÁFICOS QUE CONSTITUEM UMA IMAGEM

As linguagens contam com um conjunto organizado de símbolos para facilitar a troca de informações. Dondis (1997) apresenta uma sintaxe da linguagem visual com ideia de expansão da capacidade ótica, que amplia a capacidade de entender e de produzir uma mensagem visual. Ela propõe um alfabetismo que implica na compreensão dos modos de ver e compartilhar o significado da imagem, em uma leitura do que está sendo observado. As possibilidades de assimilação vão além das práticas visuais inatas do organismo humano, da capacidade perceptiva, das preferências individuais, envolve outros processos, entre eles o conhecimento da sintaxe visual.

Sabemos que o estudo da linguagem visual proporciona uma melhor compreensão das mensagens visuais. O conhecimento da linguagem visual e de sua alfabetização é fundamental no desenvolvimento de critérios de leitura da imagem visual e tem por objetivo ultrapassar a resposta natural dos sentidos e os gostos e preferências condicionados (COUTO, 2000, p.17).

A sintaxe visual apresenta linhas gerais de criação e composição, há elementos básicos que podem ser apreendidos e compreendidos por todos, eles

podem ser usados em conjunto com técnicas para a criação de mensagens visuais claras. O alfabetismo da linguagem visual mesmo que não seja tão lógico e preciso como o verbal pode levar a uma melhor compreensão das mensagens visuais.

[...] há um sistema visual, perceptivo e básico, que é comum a todos os seres humanos; o sistema, porém, está sujeito a variações nos termos estruturais básicos. A sintaxe visual existe, e sua característica dominante é a complexidade. [...] As linguagens são sistemas inventados pelo homem para codificar, armazenar e decodificar informações. Suas estruturas, portanto, tem uma lógica que o alfabetismo visual é incapaz de alcançar. (DONDIS, 1997, p.19-20).

Do ponto de vista de Dondis (1997) a substancia visual da obra é composta de uma lista básica de elementos, seja ela projetada, rabiscada, desenhada esculpida ou gesticulada, esses elementos constituem a substância básica daquilo que vemos e podemos classifica-los em ponto, linha, forma, direção, tom, cor textura, escala e movimento. Os elementos visuais⁴ estabelecem a matéria prima para os vários níveis de produção da imagem visual, a partir deles se planeja e expressa às variedades de manifestações visuais desenhos, pinturas, escultura, arquitetura, etc., a escolha dos elementos visuais que serão enfatizados e sua manipulação, para obter o efeito pretendido, depende do artista, eles são o visualizadores e contam com uma vasta opção de combinações.

Os elementos visuais são manipulados com técnicas específicas, apresentam objetivos associado ao caráter do que esta sendo concebido e à finalidade da mensagem produzida. Conhecer a linguagem visual, seus elementos básicos facilita a compreensão do significado daquilo que vemos, independente de sua natureza e mesmo que tragam varias significações e contextualizações. Para

⁴ (COUTO: 2000,61) A tentativa de se demarcarem os componentes da linguagem visual é feita com o objetivo de se definir um possível sistema “linguístico” abstrato dessa linguagem. Não estamos tratando da visualidade que, embora dependa desse sistema e da visão, não se esgota neles, pois está inserida na história e na cultura de cada época e lugar. Essa sintaxe da linguagem visual foi referência para os artistas por um longo período da história da arte. Antes da arte moderna, a **forma**, conjunto dos elementos da linguagem visual, através das diversas teorias da composição, estava subjacente ao conteúdo iconográfico e à narrativa. A arte moderna, pelo menos no seu segmento formalista, alcançou a total independência da forma em relação ao conteúdo, e a criação de imagens artísticas chegou ao abstracionismo.

uma análise e compreensão da estrutura de uma linguagem convém conhecer seus elementos em particular, visando um aprofundamento de suas qualidades específicas.

2.3– PONTO, LINHAS E FORMA – VISÃO POÉTICA E TÉCNICA: A ESSÊNCIA DA IMAGEM VISUAL

Na elaboração de uma imagem os componentes visuais básicos são manipulados, cada elemento com suas qualidades específicas colaboram com o processo compositivo ponto, linhas e formas representam a essência do alfabetismo visual, esses fundamentos representam o início, o esboço da composição de uma imagem. O trabalho apresenta a seguir esses elementos em uma visão poética do artista, professor da Bauhaus⁵ e introdutor da abstração no campo das artes visuais Wassily Kandinsky⁶, e seus aspectos técnicos apresentados pela pesquisadora Dondis. Observaremos que os autores apresentam concepções parecidas, porém Dondis aprofunda sua teoria sugerindo a utilização dos elementos associando-o a outros elementos, ao passo que Kandinsky representa o mundo interior, ele isola e aproxima os elementos a abstração. Em alguns momentos os autores iniciam com a mesma concepção e apresentam divergência em alguns pontos.

O ponto é o primeiro elemento que vamos apresentar, por ser a unidade visual mínima de representação simbólica da linguagem visual, na visão da maioria dos autores. As imagens surgem com pontos e linhas, as formas vão sendo delineadas a partir destes elementos, o ponto é apresentado como a forma primária, seria a primeira imagem de toda expressão pictórica.

Na perspectiva de Kandinsky (1997) no mundo da pintura o ponto começa a viver como ser autônomo, ele é o resultado do primeiro encontro da ferramenta com

⁵ A Bauhaus foi uma escola de *design*, artes plásticas e arquitetura de vanguarda que funcionou de 1919 a 1933. De acordo com SABÓIA (2010), as ideias difundidas pelas vanguardas artísticas durante o período de funcionamento da Bauhaus baseavam-se na expressão das imagens per meio de suas formas mais simples essenciais. As cores e a luz, as linhas estruturais, o desligamento da representação das imagens dos objetos e dos seres do mundo real eram máximas a serem seguidas.

⁶ Embora Kandinsky não tenha escrito uma teoria científica contribuiu muito com o mundo das artes visuais, suas obras associadas ao mundo interior refletiu o pensamento de um artista criativo e revolucionário que vivia na cor a expressão do espírito humano.

a superfície material que seria o plano original, suas dimensões e formas podem variar, chegando ele a crescer e até mesmo preencher toda superfície. Geralmente quando falamos de ponto pensamos em uma unidade pequena e de forma arredondada, porém na sua forma real, o ponto pode adquirir um número infinito de aparências. A sua forma circular pode acrescentar pequenos recortes, ele pode se aproximar de outras formas geométricas, é difícil definir seus limites, muitas são as possibilidades de variação deste elemento, o ponto chega nesta visão a ser um pequeno mundo a parte.

O ponto se incrusta no plano original e se afirma para sempre. Assim, ele é, interiormente, *a afirmação mais concisa e permanente*, que se produz breve, firme e rapidamente. Por isso é, no sentido exterior e interior o *elemento primário da pintura* e, especificamente, da arte gráfica. (KANDINSKY, 1997, p.25).

O elemento ponto é apresentado como o princípio da pintura, a partir desta simples marca no plano nasce às composições, os pontos podem estar isolados ou agrupados, isso depende da intenção do artista. É um elemento que podemos encontrar na natureza, na escultura, na arquitetura, na música, e nas artes gráficas. Uma simples marca num plano pode dar origem a uma composição, o elemento ponto proporciona o nascimento de uma imagem.



Imagem 4 - Kandinsky

<http://ensinarevt.com/conteudos/ponto-linha/imagens/arte/ponto/Kandinsky.jpg>

Na obra abstrata de Kandinsky, podemos observar a utilização do elemento ponto em destaque, embora percebamos na composição a combinação de vários elementos, encontramos uma grande quantidade de pontos coloridos, agrupados, justapostas ou destacados, em um plano escuro com variações de tons que parece estar em movimento.

Quando temos vários pontos organizados em uma mesma direção ou este elemento se desloca no plano temos o elemento secundário da pintura, a linha. Ela pode apresentar-se de diferentes modos, expressando o estado de espírito do artista, sofrendo alterações, variações na intensidade, na medida, na espessura, além da direção, do ritmo, da densidade e energia, este fundamento é apresentado como elemento geométrico produto do ponto:

A linha geométrica é um ser invisível. É o rastro do ponto em movimento, logo seu produto. Ela nasceu do movimento – e isso pela aniquilação da imobilidade suprema do ponto. Produz-se aqui o salto do estático para o dinâmico. A linha é, pois, o *maior contraste*, do elemento original da pintura, que é o ponto. Na verdade, a linha pode ser considerada o elemento secundário. KANDINSKY (1997, p. 49)

A linha pode ser definida como a união de pontos ou como o ponto em movimento, sua origem estaria no elemento ponto. Nem sempre conseguimos identificar este elemento facilmente, nós imaginamos sua existência sugerindo uma ideia de invisibilidades, ela não existiria seria apenas uma convenção criada para representar, para comunicar. Aprendemos a identificá-la e a representá-la através do desenho, onde ela aparece como contorno. Kandinsky (1997) classifica as linhas em: retas variando em horizontal, vertical, diagonal e quebrada; linhas curvas variando de curva simples a ondulada e linhas combinadas. Ele relaciona as linhas quebradas com as formas básicas: triângulo, círculo e quadrado com as cores primárias, porém esses estudos não podem ser apresentados como teoria, sua visão é poética, seria apenas uma interpretação artística.

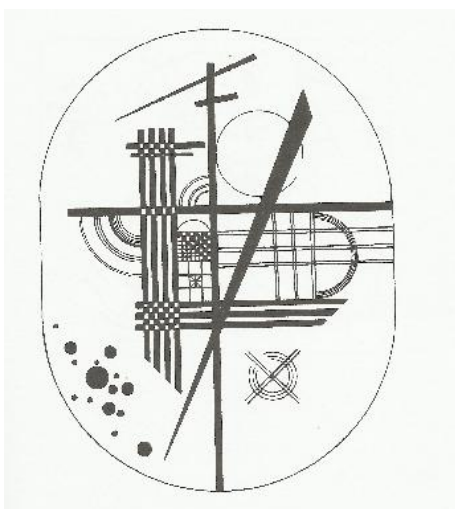


Imagem 5 – Organização horizontal-vertical, com diagonal em contraste e tensões de pontos. Esquema da pintura Mensagem íntima, 1925, Kandinsky.

Pontos e linhas sobre planos p.183.

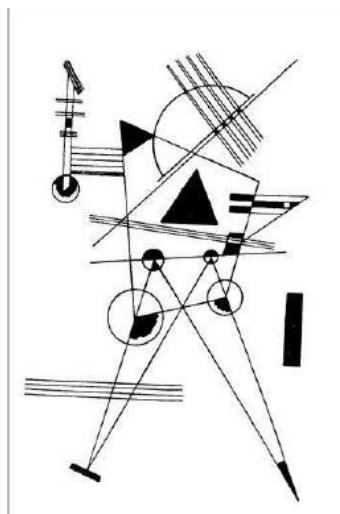


Imagem 6 – Correspondência interna de uma combinação de retas com uma curva para pintura, Triângulo preto, 1925, Kandinsky.

Pontos e linhas sobre plano p.181.

Nas ilustrações acima temos esboços de obras de Kandinsky, na imagem cinco observamos uma variedade de linhas horizontais, verticais, inclinadas e curvas, algumas são paralelas e a maioria convergentes, percebemos também alguns pontos isolados e outros envolvidos nos movimentos das linhas. Na imagem seis em meio às combinações de linhas retas e curvas que se cruzam podemos identificar formas que em conjunto sugere outra forma.

Saindo das alusões poéticas, vamos examinar os pareceres técnicos de Dondis (1997), onde o ponto aparece como a unidade de comunicação visual irredutivelmente mínima, a mais simples. Observa-se que quando fazemos uma marca seja ela com tinta, com uma substância dura, com um giz bastão, pensamos neste elemento visual como um ponto de referência ou um indicador de espaço. Falando tecnicamente o ponto tem o poder de atração visual sobre o olhar, em grande número e justapostos criam a ilusão de tom ou cor, este fenômeno perceptível de fusão visual foi explorado por Seurat em seus quadros de

pontilhismo⁷ nos quais eram utilizadas as cores primárias e o preto, a tinta era aplicada com pincéis pequenos e pontiagudos. Os impressionistas exploraram o processo de fusão, contraste e organização, concentrado nos olhos do expectador, realizando composições complexas e cheias de detalhes, utilizando a combinação do elemento a demais fundamentos.

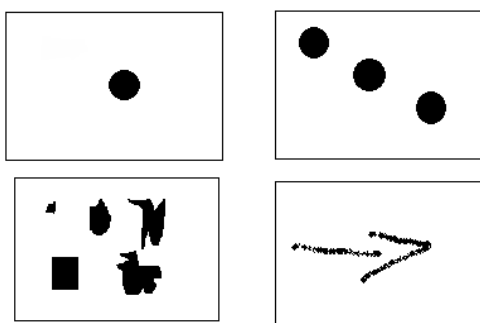


Imagem 7 – Pontos produzidos no computador.

Podemos observar nas imagens, agrupados ou isolado, o elemento ponto. Nem sempre ele se apresenta na forma arredondada que estamos acostumados associá-lo, uma série de pontos tem a capacidade de conduzir o olhar, podendo ser intensificada pela proximidade dos pontos, dependendo desta proximidade podemos chegar a outro elemento a linha.

Assim como Kandinsky, Dondis (1997) apresenta a linha como sendo o ponto em movimento e acrescenta que ela pode ser definida como a história do movimento de um ponto, por fazer uma marca contínua que se transforma em registro. Para ele o elemento linha é inquieto e nunca está estático, pode ser um meio de apresentar de forma palpável aquilo que está apenas na imaginação, um caminho indispensável para tornar visível o que ainda não pode ser observado.

⁷ Também conhecida como pintura de ponto o pontilhismo foi uma técnica utilizadas por pintores franceses neo impressionistas, ela consiste na justaposição de pontos criando o efeito desejado pelo pintor nos olhos do observador. (ARAUJO 2011)

Onde quer que seja utilizada, é o instrumento fundamental da pré-visualização, o meio de representar, em forma palpável, aquilo que ainda não existe, a não ser na imaginação. Dessa maneira contribui enormemente para o processo visual. [...] Na arte, porém, a linha é o elemento essencial do desenho, um sistema de notação que, simbolicamente, não representa outra coisa, mas captura a informação visual e a reduz a um estado em que toda informação visual supérflua é eliminada, e apenas o essencial permanece (DONDIS, 1997, p.56).

As linhas podem assumir formas diversas para expressar uma variedade de estados de espírito, pode ser muito imprecisa e indisciplinada como nos esboços, ou delicada e ondulada, nítida e grosseira, hesitante, indecisa ou ainda pessoal, tudo depende da intenção do criador da imagem, há infinitas possibilidades de combinações que podem ser alcançadas em composições utilizando este elemento.

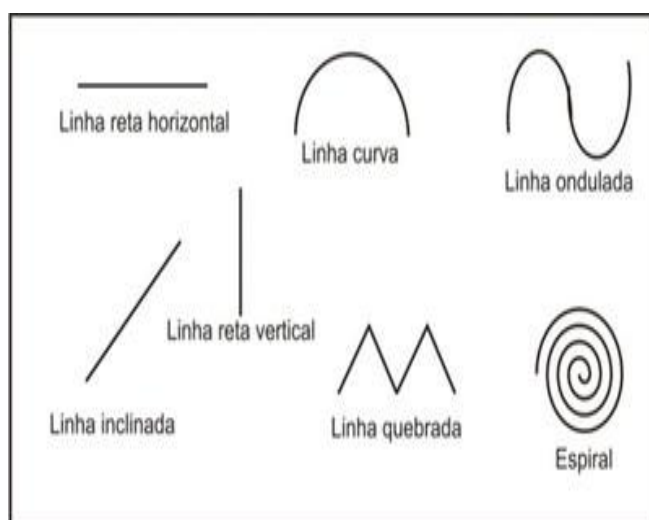


Imagem 8 – Exemplos de linhas

<http://profecrisartes.blogspot.com.br/2013/03/os-elementos-da-linguagem-visual-comoas.htm>

Nas artes visuais são utilizadas linhas para descrever uma forma, toda forma tem contorno, ela provem da organização imaginária que damos a um conjunto de linhas, dando um sentido de orientação espacial e de reconhecimento da imagem representada. A mesma forma pode se apresentar diferente para nossa observação de acordo com a referência visual da superfície em que ela está. Existem três formas

básicas: o círculo, o quadrado e o triângulo, cada qual com suas características e especificidades, exercendo no observador diferente efeito visual e impressões quanto aos seus significados. Kandisky associa as formas às cores primárias, já Dondis faz uma comparação em percepções psicológicas e fisiológicas. “Ao quadrado, se associam enfado, honestidade, retidão e esmero; ao triângulo, ação, conflito e tensão; ao círculo, infinitude, calidez, proteção” (DONDIS, 1997, p.58).

As formas básicas são fundamentais na apresentação de uma imagem, todas as figuras são simples e planas e podem ser facilmente construídas ou descritas, Dondis (1997) as descreve verbalmente da seguinte maneira:

O quadrado é uma figura de quatro lados, com ângulos retos rigorosamente iguais nos cantos e lados que têm exatamente o mesmo comprimento. O círculo é uma figura continuamente curva, cujo contorno é, em todos os pontos, equidistantes de seu ponto central. O triângulo equilátero é uma figura de três lados cujos ângulos e lados são todos iguais. (DONDIS, 1997, p. 58-59).

Na visão da autora a partir de combinações e transformações das figuras descritas acima derivam todas as outras formas. Além dessas formas básicas temos suas variações que embora muitas vezes sejam representadas de maneira bidimensional configuram a tridimensionalidade são elas: o cubo, a esfera, o cone, o cilindro, pirâmides e paralelepípedos, essas formas contribuem muito para a construção de desenhos de objetos. No desenho podemos analisar as formas dos objetos partindo das formas geométricas.



Imagem 9 – O jardim, de Miró.

http://www.dzai.com.br/blogdaconceicao/blog/blogdaconceicao?tv_pos_id=29483

Nesta pintura de Joan Miró podemos observar a combinação das formas básicas utilizadas para representar um jardim. Identificamos vários círculos, alguns quadriláteros e triângulos que organizados sugerem a forma de animais e plantas. Percebemos a presença de outros elementos como linhas e cores que se unem as formas básicas dando origem a uma nova forma.

Ambos os autores concordam que o elemento ponto é a marca mais simples de uma composição, o início de uma imagem podem surgir com outras aparências que não seja a forma circular e ser apresentados agrupados ou isolados, porém Kandinsky (1997) apresenta o ponto como um ser autônomo, com vontades próprias, sendo um mundo à parte com necessidades interiores, mesmo apresentando características ligadas a abstração o elemento que aparece no plano exibe traços que permite sua identificação.

A noção exterior do ponto na pintura é imprecisa. O ponto geométrico invisível, ao se materializar, deve alcançar certa dimensão, ocupando certa superfície no plano básico. Além disso, ele deve ter limites- contornos- que o isolem do entorno. (Kandinsky, 1997, p.21).

As dimensões e as formas do ponto variam, ele pode ser a menor forma como pode crescer e tomar de conta do plano. Para Kandinsky ao mesmo tempo em que se combinam vários pontos na elaboração de uma composição um único ponto no plano também poderia originar uma obra. Já Dondis apresenta o ponto como o indicador de espaço que tem poder de atrair o olhar do observado, em um projeto visual ele dirige o olhar sendo intensificado pela proximidade dos pontos. Mesmo com ideias semelhantes de unidade inicial da pintura temos o elemento ponto apresentado com visões diferentes uma isolada onde o elemento se apresenta de maneira independente e outra que evidencia os efeitos que o elemento pode causar ao sentido da visão.

Com o elemento linha a convergência esta na sua origem, eles concordam que a linha surge do movimento do ponto e sua variação depende do estado de espírito do criador da imagem. Mas para Kandinsky (1997) a linha é um ser invisível que existe apenas em nossa imaginação, nem sempre pode ser identificada com facilidade, pois ela é apenas o contorno do desenho e Dondis (1997) apresenta este elemento como instrumento da pré-visualização é através dele que as imagens podem ser observadas, nosso imaginário organiza as linhas que dão origem as formas que vemos, as representações que estão apenas na imaginação surge com a linha, através dela podemos eliminar o superfluo e permanecer com o que é essencial.

O mesmo elemento que descreve a história do ponto em movimento na visão de Dondis é o rastro do ponto em movimento para Kandinsky (1997), parece que os dois se aproximam quando descreve o elemento, mas percebemos que o artista apresenta uma pesquisa pouco aprofundada, podendo ser controlada apenas na prática, enquanto o pesquisador atinge criador e observador.

As formas básicas apresentam características próprias e atingem o observador de maneira específica, para este elemento temos abordagens bem distintas entre os autores. Kandinsky (1997) as compara com os ângulos e cores: para o ângulo agudo apresenta o triângulo associado à cor amarela; o ângulo reto resulta no quadrado representado pela cor vermelha e o ângulo obtuso se aproxima do círculo integrado a cor azul. Esta é seu ponto de vista, o que ele encontrou em sua prática, essas representações referem-se a seu mundo interior, outros artistas

podem apresentar percepções diferentes na relação cores e formas. Dondis (1997) faz uma comparação em percepções psicológicas e fisiológicas, em sua abordagem o triângulo está associado à ação, conflito e tensão; ao quadrado enfado, honestidade, retidão e esmero e ao círculo infinitude, calidez e proteção. Nesta perspectiva percebemos que o triângulo por ser irregular atrai a visão do espectador de forma instável causando tensão, esse princípio não muda de artista para artista é uma experiência da percepção visual, já o quadrado se remete a algo bem definido podemos identificar seu equilíbrio com facilidade e o círculo sempre nos dará a sensação de infinito onde não podemos encontrar seu começo nem seu fim.

Embora saibamos que textura, tom, cor, direção, dimensão, escala e movimento faça parte dos fundamentos básicos da linguagem visual a proposta não aprofundará em suas particularidades, pois nem todos são essenciais em uma imagem para que haja comunicação, a cor é um exemplo independente da sua presença a informação visual transmite sua mensagem.

Os elementos: ponto, a unidade visual mínima; linha, o segmento indicador da forma, seja na soltura e na fluidez de um esboço ou na rigidez de um projeto técnico; forma, bidimensional e tridimensional, em suas infinitas variações, combinações e permutações de dimensões; direção, o impulso de movimento que incorpora e reflete o caráter das formas; tom, a presença ou a “ausência” de luz; cor, a contraparte da luz, com o acréscimo do componente cromático; textura, óptica ou tátil, o caráter de superfície dos materiais visuais; escala a medida e o tamanho relativos; a dimensão e o movimento, ambos implícitos e expressivos com a mesma frequência, são fundamentos essenciais na construção de uma produção visual. Esses elementos são a fonte compositiva de toda informação ótica, a distribuição harmoniosa do conjunto desses fundamentos pode ser explorada através de inúmeras possibilidades, na construção de informações visuais.

3- COMPOSIÇÃO

3.1- MEIOS VISUAIS

As imagens têm muito a nos dizer, sugerem interpretações possibilitando mais uma maneira de ler, fora do padrão verbal que tem sido propagado como a

principal maneira de comunicação. O universo das imagens surge de elementos básicos associados a uma técnica. “Na composição, o primeiro passo tem por base uma escolha dos elementos apropriados ao veículo de comunicação com que se vai trabalhar” (DONDIS, 1997, p.136). São várias as possibilidades de composição visual que surgem a partir de elementos simples, porém a trajetória que se percorre para realizar uma composição não é algo tão fácil como parece.

É comum escutarmos leigos diante de uma obra dizer: “Isso até eu faria”, para os apreciadores e conhecedores da arte essa afirmação não soa muito bem. As artes e os ofícios visuais são diferentes de gestos, expressões, linguagem escrita e símbolos que estão ao alcance de todos. O desenho industrial, a fotografia, a pintura, a arquitetura embora possam ser entendida e admirados por todos exigem dos que os praticam uma formação especial e um talento específico.

Cada um dos meios de comunicação visual tem não apenas seus próprios elementos estruturais, mas também uma metodologia única para a aplicação das decisões compositivas e a utilização de técnicas em sua conceitualização e formulação. O entendimento dessas forças amplia o campo da experimentação e da interpretação tanto para o criador quanto para o observador, e os leva a um conjunto de critérios mais sofisticados de avaliação visual, capazes de unir mais estreitamente a realização e o significado (DONDIS, 1997, p.189).

A composição vai além de juntar os elementos e aplicá-los a uma técnica, sendo necessário um mínimo de entendimento do que esta sendo realizado. Ao observarmos uma composição, distinguimos várias formas, cada uma apresentando seu sentido e sua importância, diferentes ao configurar um conjunto artístico. “A composição é a subordinação interiormente conforme à finalidade dos elementos isolados e da construção para o fim pictórico concreto” (KANDINSKY, 1997, p.29). Para obter um bom resultado faz-se necessário levar em conta na elaboração compositiva a distribuição e a situação dos elementos sobre o suporte, o equilíbrio e o ritmo existente nesses elementos, como também o movimento e organização de valores relacionando-os à unidade do tema, a um ponto de interesse central. Dentre os meios visuais a proposta abordará a pintura por ser recurso de comunicação que nos acompanha desde as primeiras civilizações.

3.2– PINTURA

A pintura como arte de aplicar tintas ou pigmentos sobre um suporte plano tendo a cor como elemento básico pode ser representada por diferentes composições, o suporte pode ser uma tela, um papel, um painel, uma parede, uma cerâmica, uma prancha, etc. A pintura acompanha a história do ser humano, nossos antepassados aprimoraram sua capacidade de se expressar por imagens na tentativa de criar ideias de movimento, ritmo, espaço, sugerindo narrações de eventos como a caça. As pinturas rupestres tinham as paredes das cavernas e rochas como suporte para seus trabalhos, utilizavam tintas extraídas da natureza, como do carvão, frutos e sangue de animais.

Os desenhos primitivos, com suas cores terrosas, sobreviveram nas cavernas do sul da França e norte da Espanha como exemplo das primeiras tentativas humanas de usar as imagens como meio de registro e compartilhar informações. Desde os primórdios da civilização, a criação de imagens tem sido parte integrante da vida do homem, e foi a partir dela que se desenvolveu a linguagem escrita (DONDIS, 1997, p.198).

Com o passar do tempo, as diferentes culturas desenvolveram diversas técnicas e estilos de pintura. No Egito Antigo gravações e pinturas em relevo aparecem frequentemente juntas, elas revestiam as paredes de edifícios destinados ao uso público ou eram representadas em espaços ritualísticos e religiosos, como as ilustrações das tumbas que glorificavam o faraó e os deuses.

Uma das técnicas mais importantes utilizadas pelos egípcios na pintura sobre paredes era a técnica do “falso afresco” (que os italianos denominaram de *fresco secco*). Essa técnica previa a utilização da têmpera⁸ aplicada a argamassa já seca, ao contrário do que aconteceu, mais tarde, com a verdadeira pintura a fresco (*buo fresco*), onde a têmpera era aplicada sobre a argamassa úmida (HANGREAVES, L.; VULCÃO, M., 2009, p.35).

⁸ No processo de pintura com têmpera o pigmento é misturado a uma substância líquida, em geral clara ou gema de ovo, diluída em água, o resultado é uma cobertura menos transparente que a aquarela.

Os artistas apresentam um estilo próprio de pintura, utilizam em suas produções técnicas específicas que adquiriram ao longo de suas práticas artísticas. No princípio eles não eram reconhecidos pelo seu trabalho, muitas obras foram apreciadas sem ligação com seu autor, o artista como conhecemos hoje passou por anonimatos e percorreu um longo caminho até alcançar o reconhecimento pelo seu trabalho, cada cultura interpretou de diferentes maneiras o papel do artista.

As primeiras pinturas estavam relacionadas ao misterioso mundo religioso, algumas utilizaram imagens figurativas outras representações simbólicas abstratas, no início as composições se aproximavam do não-realismo, carregadas de exagero e mistérios, porém mais tarde aparece a tradição clássica grega⁹ transformando este panorama, exigindo realismo na expressão artística.

Inevitavelmente, as artes plásticas evoluíram, passando da primitiva arte cristã, centrada no expressionismo nas distorções, para a essência do espírito grego, ou seja, para uma arte direta e racional. Roma herdou o estilo clássico, e, juntamente com ele, a ênfase sobre o realismo, a proporção matemática e o monumento, restringindo a atividade do pintor aos murais dos edifícios públicos, às casas de campo dos ricos e alguns retratos, uma esfera bastante reduzida para aplicação do seu ofício (DONDIS, 1997, p.199).

Na civilização grega a partir do crescimento das cidades e da expansão territorial observa-se uma dedicação especial ao meio visual da arquitetura de uma maneira pitoresca e escultórica, porém podemos observar o desenvolvimento na área da pintura utilizando a cerâmica como suporte. Em um estilo geométrico vasos, tigelas e recipientes usados no cotidiano, no comércio e em rituais religiosos apresentavam produções visuais da época, histórias, lendas e mitos estavam presentes visualmente nas peças de cerâmica, a cultura visual foi construída e enriquecida de maneira concreta.

Na Grécia, como aconteceu em outras civilizações, a pintura apareceu como elemento decorativo da arquitetura. As métopas dos templos, as paredes das diferentes construções apresentavam, frequentemente,

⁹ Essa tradição passou a enfatizar o homem e a criação de deuses como espécie de super-homens, isso exigia dos artistas compreensão das leis de perspectiva e o conhecimento da anatomia humana.

grandes painéis pintados por artistas geralmente anônimos, mas foi na cerâmica que a pintura encontrou sua grande forma de realização ((HANGREAVES,L.; VULCÃO,M., 2009, p.52-53).

Até a pintura criar seu estilo próprio abandonar as paredes dos edifícios e seu papel de auxiliar da arquitetura os pintores foram marginalizados. A ascensão do mundo cristão acompanhou a crise do Império Romano, embora ainda estivessem presas as tradições hebraicas e rejeitando o realismo, os primeiros cristãos se voltaram para o expressionismo buscando um efeito de ideias emocionais. Os mosaicos bizantinos e os vitrais góticos se entrelaçavam em um estilo de pintura no plano, rico em misticismo, até o Renascimento redescobrir a tradição clássica, neste momento eles se unem em busca de uma resposta tanto emocional quanto racional. Os artistas reaparecem nas decorações religiosas com uma nova posição na estrutura social, seu trabalho atinge um público cada vez maior, saído da esfera religiosa, envolvem-se e participam de questões sociais, econômicas e política.

Com a revolução industrial surgem transformações nas criações feitas por máquinas, artesãos e artistas, suas produções deixaram de ser realizadas por encomendas e passaram a terem determinados fins. Com o passar do tempo o artista distanciou-se da vida real de sua época, criando arte pela arte, a arte para sua satisfação deixando de lado a função de comunicação atingindo apenas um grupo restrito. O pintor, o criador de imagens têm qualidades para o controle dos meios de comunicação que fazem de seu produto algo desejável e necessário nas experiências humana.

Ao contrário da exatidão informativa da câmera, indiscriminada ainda que admirável, o criador de imagens pode modificar as circunstâncias vigentes até o ponto de abstrair a informação de pormenores e atingir a mais pura terminologia visual do significado formal (DONDIS, 1997, p.203).

A pintura da autonomia ao artista para que este manipule as imagens e a aproxime da abstração, ao contrário da fotografia que aproxima a imagem da realidade como ela é, embora saibamos que hoje com todos os recursos

tecnológicos e programas computacionais as fotografias podem ser manipuladas e modificadas, mas seu foco maior está em representar fatos com realismo. A pintura dá liberdade ao artista em seu suporte ele pode criar e recriar imagens, acrescentar ou retirar elementos, uma produção surge com esboços possibilitando a investigação do material visual que o criador da imagem vai utilizar. Há muitas alternativas de composição, vários efeitos específicos podem ser alcançados, combinando-se materiais à intenção do artista e a manipulação de elementos através do uso de técnicas.

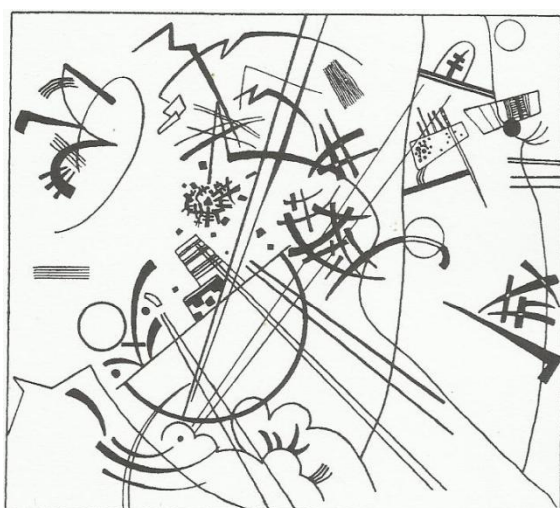


Imagem 10 – Organização linear da pintura
Pequeno sonho em vermelho (1924)

Pontos e linhas sobre planos



Imagem 11 – Pequeno sonho em vermelho
Kandinsky

http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/kandinsky_galeria.htm#axzz2VdHF9mgL

Observando as imagens percebemos no esboço a organização compositiva escolhida pelo artista, podemos identificar a manipulação dos elementos básicos. Como o planejamento trata-se de uma organização linear as variações do elemento linha pode ser facilmente identificadas, percebemos formas circulares, que podem ser apontada também como ponto, e alguns equiláteros. Ainda no esboço visualizamos o movimento sugerido pela disposição das linhas e a dimensão entre os elementos dispostos no plano. Na obra finalizada percebemos os tons e cores distribuídas pelo plano, dando volume e movimento a obra. Podemos observar na

imagem a proximidade da pintura do artista com a música, os elementos básicos parecem ser autônomos criando um destino próprio dentro da composição, eles são comparados a cada uma das vozes que ganham vida própria em uma composição.

Em suas obras o senhor concretizou aquilo que eu, ainda que de forma imprecisa, tanto ansiava na música. A progressão autônoma através de destinos próprios, a vida própria de cada uma das vozes em sua composição, é justamente o que procuro encontrar de uma forma pictórica. No momento há na pintura uma grande tendência em encontrar, por vias construtivas, a “nova” harmonia, na qual o elemento rítmico é constituído de forma quase geométrica (KANDINSKY. In: LICHTENSTEIN, 2005, p.122).

Esse trecho foi retirado de uma carta que o artista escreve a um compositor que também era pintor, podemos observar a comparação entre duas artes distintas, uma que utiliza o sentido da audição e outra o sentido da visão. A partir do renascimento os escritores que se dedicam a relatar sobre a pintura adotam uma postura de comparação entre as artes. Jaqueline Lichtenstein apresenta uma reflexão sobre a natureza e o funcionamento dos discursos sobre a arte, em sua coletânea de textos expõe um paralelo entre as artes apresentando duas maneiras para essa comparação.

A primeira, de ordem geral ou, mais precisamente, genérica, aproxima as artes conforme estas se relacionam ao sentido da visão ou ao sentido da audição. [...] Desde o início, essa oposição tomou a forma de uma comparação entre duas artes em particular, a pintura e a poesia – “*Ut pictura poesis*”, “um poema é como um quadro”, escreve Horácio, ainda na *Epístola aos Pisão*. [...] Já a segunda comparação, mais restrita, é, ao contrário, intrínseca às artes da visão, uma vez que ela se refere às relações entre a pintura e a escultura (LICHTENSTEIN, 2005, p. 9-10).

Kandinsky compara a pintura com a música outros artistas, filósofos e estudiosos das artes também fazem relação da pintura com algumas artes, nessas comparações as artes conversam, mas é perceptível a exaltação da pintura, ela aparece não como um mero conhecimento e sim como a forma mais elevada e mais

acabada de todos os conhecimentos. Na relação entre música, pintura e poesia, observaremos que o sentido da visão se destaca dos demais e consegue atingir o espectador de uma maneira mais abrangente, embora possam se completar sendo a pintura uma poesia muda e a poesia uma pintura cega, as percepções óticas se sobressaem.

Comparação entre poesia e pintura. A imaginação não vê com tanta perfeição quanto o olho, porque o olho recebe as imagens ou as assemelha dos objetos e dá-lhes acesso à sensibilidade, e da sensibilidade essas imagens dirigem-se ao senso comum e ali são julgadas. As a imaginação não sai do senso comum, se não for para dirigir à memória, e lá ela permanece e morre, se a coisa imaginada não é de qualidade (VINCI. In: LICHTENSTEIN, 2005, p.20).

O pintor Leonardo da Vinci apresenta na citação acima a situação da poesia na mente do poeta, embora ele crie o mesmo objeto que o pintor sua criação pode se perder, enquanto a composição do artista permanece, o poeta conta com o ofício de criar palavras sendo a única coisa que ele pode apresentar ao sentido da audição, a voz humana não permite a criação de outra matéria para expressar a poesia, mas o pintor conta com uma diversidade de recursos uma infinidade de meios pode ser utilizado pelo artista que as palavras não poderão designar. Para ele a poesia mostra as partes e não o todo como a pintura, que representa a harmonia composta a partir das diversas partes apreendida sendo sua delicadeza julgada de uma só vez com um conjunto de detalhes.

Nesta perspectiva de paralelo entre pintura e poesia percebe-se que há temas apropriados para cada arte, mas observaremos que mesmo em casos que a poesia parece sobressair a pintura consegue alcançar um espaço. Um poeta pode dizer muitas coisas que o pintor seria incapaz de nos fazer entender, nossas ideias e sentimentos podem ser apresentados de uma maneira mais específica pelo poeta que pelo pintor, pois não existe um movimento específico que abrange as ideias e sentimentos na pintura. “Um poeta pode empregar vários artifícios para descrever a paixão e o sentimento de um personagem” (LICHTENSTEIN, 2005, p.66). Embora todos nós tenhamos o sentimento da paixão ela não nos atinge da mesma, a mesma

paixão provoco atitudes diferentes em cada individuo, o poeta não poderia evidenciar essa diversidade de reações em seus versos sem contar com a ajuda da declamação, da atuação de atores, para se alcançar os detalhes, para que sejam imaginados de maneira fácil deve-se expô-lo aos olhos.

O pintor conta com uma diversidade de recursos que permite tornar o caráter de um personagem reconhecível pelo sentimento. “O pintor, portanto, não encontra oposição alguma por parte da mecânica de sua arte no sentido de dar a sua expressão um caráter particular” (LICHTENSTEIN, 2005, p.69). O pintor pode em algumas ocasiões agir como poeta, um exemplo ocorre quando atribui emoções aos personagens que fazem parte de uma imagem, os sentimentos podem ser expostos no rosto apresentado ao espectador, a pintura tem a vantagem de poder colocar diante dos nossos olhos a ação de uma forma mais adequada, chegando a provocar impacto sobre nós.

Poderíamos continuar apresentado comparações entre a pintura e as demais artes, porém a proposta é apresentar as imagens como linguagem. Observamos que a pintura esteve presente em todo o processo de desenvolvimento do ser humano, sendo uma das principais fontes de comunicação. Após passar por tantos períodos, hoje a pintura conta com diferentes possibilidades de combinações, materiais, suportes e técnicas sendo um meio visual acessível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos o tema a imagem como linguagem, apresentamos a mensagem visual como uma das principais fontes de informação da atualidade podendo ser apresentada em três níveis representacional, simbólica ou abstrata. Essas mensagens formadas por imagens são constituídas por elementos gráficos que podem ser conhecidos e aprendidos por todos através de um alfabetismo visual onde se apresenta seus elementos básicos, com esses fundamentos junto a uma técnica temos varias possibilidades de composições, o resultado dessas combinações depende do objetivo que a mensagem pretende atingir.

Com esse estudo concluímos que a comunicação é uma ferramenta de sobrevivência para o ser humano, a transmissão e troca de informações é essencial para a vida em sociedade. Nesse processo de comunicação contamos com uma variedade de recursos como: a fala, a escrita, os sinais, gestos, objetos, sons e expressões, para repassar uma mensagem. Empregamos sistemas simbólicos como suporte para a comunicação, que constituem as linguagens, um sistema de sinais utilizados para codificar e decodificar informações.

Embora a sociedade valorize a linguagem verbal, as linguagens não verbais estão bem presentes em nosso cotidiano, principalmente a visual que acompanha o ser humano desde sua origem. Percebemos a presença de imagem nos registros pré-históricos e durante todo o desenvolvimento das civilizações. Hoje estamos cercados de imagens e algumas se destacam por fazer parte do mundo artístico, não é qualquer imagem que pode ser considerada arte.

Na comunicação visual temos imagens comuns e imagens artísticas que apresentam características diferenciadas o desenho, a pintura, a fotografia, a escultura, a arquitetura, o cinema e a televisão são alguns exemplos de ofícios visuais que abrange uma linguagem comunicativa mais específica. Dentre esses meios destacamos a pintura que em sua composição conta com elementos básicos como ponto, linha, formas, textura, tom, cores, dimensão, escala, movimento e direção que podem ser aprendidos através de um alfabetismo visual. As abordagens desses fundamentos podem variar dependendo da visão de quem relata suas

características, o artista os apresenta a partir de suas experiências pessoais e cria conclusões que não são possíveis de aplicar a qualquer composição artística, isso porque ele cria de acordo com o que considera apropriado e esteticamente agradável, sem se preocupar com o modismo, já o teórico apresenta conclusões baseadas em estudos da percepção visual que pode atingir a todos.

Na atualidade nos deparamos constantemente com informações que nos exige aprimorar a capacidade de ler e interpretar várias linguagens, as diversas formas de leitura são instrumentos valiosos para a apropriação de novos conhecimentos. O alfabetismo visual nos proporciona mais uma maneira de ler em nossa sociedade, nos coloca em contato com o mundo artístico, seja pela espontaneidade e simplicidade dos nossos antepassados ou pelo exagero e ousadia da contemporaneidade a linguagem visual, com seu embate entre emocional e racional é uma ferramenta poderosa da comunicação.

Este trabalho foi muito importante para a compreensão e aprofundamento dos temas que envolvem a linguagem visual, seus elementos básicos e o meio visual pintura, uma vez que proporcionou aquisição de novos conhecimentos que serão utilizados na prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

ABAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Meste Jou, 1982.

CAMPELLO, Sheila Maria Conde Rocha; CRUZ, Teresinha Rosa. **Módulo 16: História da Arte-educação 2**. Brasília: LGE Editora, 2010.

CAMPELO, Sheila Maria conde Rocha e GUIMARÃES, Leda Maria de Barros (Org.). **Módulo 11: Atelier de artes visuais**. Brasília:LGE Editora, 2010.

CHAUD, Eliane Maria; GUIMARÃES, Leda Maria de Barros; MARTINS, Alice Fátima. **Módulo 07: Atelier de Artes Visuais 1**. Rio de Janeiro: Duo Print, 2009.

DONIS, Dontes A. **A Sintaxe da Linguagem Visual**; tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FILHO, Antônio Biancho; SABOIA, Lygia Maria Maurity. **Módulo 13: História das Artes Visuais 2..** Brasília: Dupligráfica Editora Ltda, 2009.

GERVAISEU, H. **A atualidade da imagem e a imagem da atualidade**. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, dezembro. 2006.

GIL, José. **A Arte como Linguagem – A Última Lição**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2010.

HANGREAVES, Lisa Minari; VULCÃO, Maria Goretti Vieira. **Módulo 09: História das Artes Visuais 1**. Rio de Janeiro: Duo Print, 2009.

KANDINSK, Wassily. **Ponto e Linha Sobre Plano**; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A Pintura: Textos essenciais – Vol. 7: O paralelo das artes**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Tese

COUTO, Ronan Cardoso. **A Escolarização da Linguagem Visual: Uma Leitura dos Documentos ao professor**. 2000. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2000.

Revista

CLÍMACO, José César Teatini de Sousa, “**O que é gravura**”, Revista Goiana de Arte, 11 (1): 1- 3. Jan./dez.1990.

Sites

<<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4000411.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2013.

<<http://novo.itaucultural.org.br/canal-video/aspectos-da-cultura-brasileira-caminhos-da-abstracao/>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/>. Acesso em: 03 maio. 2013.

<<http://pointdaarte.webnode.com.br/>>. Acesso em: 10 maio. 2013.

<<http://www.infoescola.com/biografias/wassily-kandinsky/>>. Acesso em: 10 de abr. 2013.

<<http://dc382.4shared.com/doc/WhCst2WC/preview.html>>. Acesso em: 17 maio.2013.

<<http://www.linguagemvisual.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

<<http://www.infoescola.com/artes/pontilhismo/>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

